



Silvestre não é pet

Retirar papagaios da
natureza causa riscos e
sofrimentos às aves

Texto | Fernanda Athas
Fotos | Víctor Moryama

A espécie mais visada é
o papagaio verdadeiro,
por sua habilidade de
imitar a fala humana



"Ganhei meu papagaio de uma prima que trabalhava em um posto na estrada para Três Lagoas, MS" conta, com o olhar difuso, de aparente timidez, a artesã D. A., 51 anos, no quintal de sua casa, **na cidade de São Paulo. Essa é uma história que se repete com frequência no Brasil, apesar da retirada dessa ave da natureza ser proibida por lei.** "Um moço de uma fazenda prometeu o bichinho para ela, mas quando ele o trouxe, minha prima estava doente e, então, pediu para eu tomar conta dele", explica D., que concordou em dar seu depoimento apenas sob anonimato.

Ela já tinha tido um papagaio antes, por isso, saberia cuidar do filhote. Assim, há oito anos, sua família acorda por volta das cinco horas da manhã quando Loro - nome dado ao animal - começa a chamá-los. O som é estridente e logo alguém cede a retirar a toalha da gaiola e a servir-lhe café e pão. "Ele adora café, toma puro. Enquanto não der, ele não para de falar e assobiar.", conta D., que, em seguida, liga o rádio - a ave gosta de música. Os papagaios de vida

livre costumam socializar e se alimentar bem cedo, em bandos, no topo das árvores. No convívio com pessoas em ambiente urbano, eles precisam adaptar seus instintos e podem adoecer. O médico veterinário especializado em animais silvestres, André Grespan, 39 anos, recebe dezenas de papagaios por mês em seu consultório na capital paulista, tanto de cativeiros quanto de origem incerta. Ele explica que os animais com problemas mais graves, como deficiência de nutrientes e baixa imunidade, são aqueles vindos do tráfico. **"De modo geral, as pessoas que adquirem animais silvestres, não têm informações adequadas",** afirma o profissional. D. e seu marido são um exemplo dessa situação. Eles não compreendem as razões da agressividade do Loro e sua constante agitação. "As respostas para os transtornos estão na própria rotina. Pão, café e semente de girassol são péssimas escolhas. A cafeína pode lesar o fígado da ave e gerar distúrbios de sono e comportamento, como hiperatividade e irritação", diz o veterinário. Ele alerta que papagaios de

As ninhadas de 3 a 5 filhotes, nascem em cavidades de árvores





estimação precisam de uma dieta específica, já que têm um gasto de energia muito inferior ao de um papagaio selvagem. Por outro lado, cobrir a gaiola à noite é correto. Os papagaios buscam um ambiente escuro e protegido de ventos fortes para dormir. D. o descobriu por acaso: “foi o único jeito que conseguimos para deixar ele mais calmo”.

Loro foi capturado em setembro de 2006, ainda sem penas, e chegou a seu destino final – a casa de D. – depois de viajar mais de 300 quilômetros de carro na BR 262, **entre São Paulo e Mato Grosso do Sul**. Esse estado do Centro Oeste é considerado um dos maiores fornecedores de exemplares da fauna para comércio ilegal e o estado paulista, o maior consumidor. Segundo a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas), essa atividade movimentada até 1,5 bilhão de dólares por ano no Brasil. Há, contudo, alternativas legais para os apaixonados por papagaios, que desejam tê-los como animais de es-

timação. Segundo a Associação Brasileira de Criadores e Comerciantes de Animais Silvestres e Exóticos (Abrase), existem cerca de 5.700 criadouros legalizados em todo o país. “Estimamos que desses, pelo menos 700 vendam papagaios verdadeiros”, afirma seu presidente Luiz Paulo Amaral. O valor de um exemplar licenciado gira em torno de dois mil reais. “Esse preço faz com que uma parcela da população recorra ao comércio ilegal”, diz a pesquisadora Gláucia Seixas, coordenadora do Projeto Papagaio Verdadeiro, da Fundação Neotrópica do Brasil (FNB). Em 2004, a organização apurou que apenas nos municípios de Campo Grande, Dourados e Três Lagoas, mais de mil famílias possuíam papagaios ilegais. Este é um hábito muito arraigado na cultura popular.

Terra dos papagaios

A captura e venda de animais silvestres nasceu com a história do Brasil. Os primeiros registros de envio de papagaios e araras

Em cativeiro, precisam de dieta específica para a falta de exercício e de vôos

Papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*)

CABEÇA

Distingue-se das outras espécies devido a sua cabeça com mancha azul-esverdeada na região frontal.

ASAS

Em vôo, deixa as penas vermelhas bem visíveis. Raros exemplares podem ter penas 100% amarelas em todo o corpo.



CAUDA

Elemento essencial para ave se equilibrar no ar ou ao se movimentar nos galhos

HÁBITOS

Utilizam o bico como um terceiro pé para subirem em árvores, e usam as patas para segurar a comida. Apreciam sementes de frutos, chegando a desprezar a polpa.

a Portugal datam de 1500. O rei D. Manuel I foi presenteado com as aves, como prova do descobrimento da nova terra e amostra das riquezas naturais encontradas. Os próprios indígenas tinham exemplares domesticados que eram utilizados no escambo com os exploradores. Segundo a pesquisa de Eduardo Bueno “A viagem do descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral”, de 1998, o impacto que as aves causaram foi tão grande que o território foi denominado oficialmente como *Terra dos Papagaios* entre 1501 e 1503, nomenclatura usada em mapas até 1520. A captura dos pássaros segue firme até os dias atuais. Gláucia conta que, de 1992 a 1999, período em que coordenou o órgão estadual Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS) em Campo Grande/MS, ela presenciou, ano após ano, a chegada de centenas de filhotes de papagaios resgatados do tráfico ilegal. As volumosas apreensões acontecem, ainda hoje, entre setembro e janeiro, estação de nascimento. “É um dos pets favoritos dos brasileiros devido à habilidade de imitar a fala humana”, explica a especialista. O trabalho da Fundação gera informações sobre a espécie para apoiar ações públicas de proteção e conservação do animal e de seu *habitat*; sensibiliza as pessoas e mapeia o tráfico no Mato Grosso do Sul. “Consolidamos informações das polícias militar, ambiental e rodoviária federal, do CRAS e do Ibama/MS e devolvemos dados integrados a esses órgãos”, informa Gláucia.

O papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*) ocorre em uma extensa faixa que ocupa nove estados brasileiros, no Sul, Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste brasileiro. A ave também está presente na Bolívia, no Paraguai e na Argentina. As observações da FNB permitiram registrar 48 espécies de plantas na sua dieta e 25 tipos diferentes de árvores usadas por ela para procriar. Ao longo de 18 anos, o projeto já acumula dados de mais de mil ninhos no Pantanal, nos quais os filhotes são pesados e medidos, a cada



nova cria. “Repassamos os dados ao CRAS, em Campo Grande, para que eles possam comparar com o desenvolvimento dos animais de cativeiro”. Os pássaros estudados recebem anilhas e o ninho ganha uma placa de metal com número de identificação. “Gláucia conta que a maioria das posturas tem três ou quatro ovos; desses, dois eclodem e nem sempre os dois filhotes voam. Até 2013, o projeto monitorou 1042 ovos: 581 eclodiram e 371 filhotes chegaram a voar. Os papagaios demoram em média três anos para atingir a maturidade reprodutiva. O acompanhamento contínuo, até o momento em que voam já adultos, permite a Gláucia e sua equipe observarem fatores que afetam as aves. No início, o projeto encontrou em algumas fazendas, árvores com tábuas presas ao longo dos troncos, como escadas. “Alguns [capturadores] aprenderam que os papagaios voltam a cada ano para procriar nos mesmos locais”. Por essa razão, o projeto envolve as comunidades do

entorno. “Encontramos, em geral, pessoas simples que têm uma forte ligação com a natureza, mas que cedem a ofertas de capturar animais em troca de dinheiro”. Gláucia conta que o diálogo com os moradores sobre os danos dessa prática surte efeito. As pessoas percebem-se como importantes para a conservação da espécie e interrompem a colaboração com o tráfico. Raulff Lima, coordenador executivo da Renctas, confirma: “onde há projetos de conservação, aliados com trabalhos educacionais de conscientização das comunidades da região, o tráfico cai muito. Esse tipo de iniciativa é essencial”.

Culturas em choque

As opiniões sobre transformar um animal selvagem em animal de estimação dividem protetores dos animais, cientistas conservacionistas e interesses comerciais. Em um cenário complexo, a legislação procura atender cada grupo, gerando instabili-

Gostam de viver em bandos. Os casais, contudo, se isolam na época da reprodução.

Na idade adulta, chegam a alcançar 45 cm de comprimento e 400g de peso

dade. Na sede da Polícia Militar Ambiental de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, o Major Ednilson Paulino de Queiroz relata as dificuldades impostas pelas leis ambientais na inibição do tráfico. “Antigamente, a postura era a de punir severamente quem praticasse a captura e o comércio ilegal de animais silvestres no país. Hoje, dificilmente esse crime é julgado na esfera criminal. Recebe multas na administrativa e na civil”, diz. Ele se refere ao embate entre a Lei de Proteção à Fauna, de 1967, e a Lei de Crimes Ambientais, de 1998. A segunda anulou a possibilidade de prisão em flagrante por tráfico de animais silvestres e reduziu as penas para esse ato, que **chegou a ser** inafiançável. “A população criticou as regras, consideradas duras demais”, conta Queiroz. A legislação foi abrandada e a competência

do julgamento de crimes contra a fauna, que era da Justiça Federal, passou a ser da Justiça Comum. A lentidão processual soma-se aos obstáculos. “Por lei, o crime prescreve no dobro da pena. Se uma pessoa comete um crime que se enquadra em seis meses de pena e não for julgada em um ano, sua punição fica invalidada”, explica o Major. Além disso, a lei em vigor permite substituir as prisões por compensações, como o pagamento de cestas básicas. Esse cenário facilita a reincidência.

No dia 23 de outubro de 2014, dois homens em um carro popular foram abordados na BR 267 por policiais no município de Bataguassu/MS, há 336 quilômetros de Campo Grande, MS. No porta malas, havia sete caixas de madeira contendo um total de 153 filhotes de papagaio verdadeiro. O destino: São Paulo. A dupla possuía passagens anteriores na polícia pelos mesmos crimes de tráfico e maus tratos a animais silvestres. Um deles, pela quinta vez. Os dois foram multados, cada um em 765 mil reais (cinco mil por animal). **Em seguida, a Polícia Civil teve que liberá-los**, mediante um termo de compromisso de comparecerem em juízo, quando chamados.

“Percebemos que a falta de uma cobrança efetiva das multas faz com que as pessoas voltem a cometer os crimes”, evidenciou Valmir Cordelli, inspetor-chefe da Polícia Rodoviária Federal do estado de São Paulo. A investigação desse caso levou à residência de um dos autuados, no distrito de Itaim Paulista, SP. No local, encontraram seu irmão na posse de outros animais silvestres em gaiolas e bacias. Ele **então** foi preso por crime de receptação, que permite o flagrante. Os papagaios dessa apreensão foram encaminhados ao CRAS, em Campo Grande, MS. Entre 1988 e 2013, o centro recebeu cerca de 7.500 papagaios verdadeiros provenientes do combate ao tráfico. “Fazer a soltura [dos animais reabilitados] não é uma decisão fácil. São inúmeros fatores de risco para as populações livres, como a introdução de





doenças no ambiente ou de animais geneticamente incapazes de gerar filhotes que vinguem”, explica Gláucia Lima, da Renctas, diz que o tráfico começa quando, em uma região, acontece uma migração muito grande de pessoas por conta de novas frentes de trabalho. “Sem cobertura vegetal, a fauna fica completamente desprotegida, então é muito fácil de capturar”, afirma. Para Gláucia, a solução está em difundir que adquirir animais na ilegalidade é uma atitude prejudicial. “Ao invés de ‘salvar’, quem compra é corresponsável pelos danos à espécie: fato que, certamente, por terem amor ao animal, não gostariam de causar”.

Segundo a Renctas, o tráfico de fauna se coloca em terceiro lugar no ranking de **atividade ilícita** mais **lucrativa** no mundo, atrás apenas **do tráfico de armas e de drogas**. Os relatos sobre maus tratos aos animais chegam a arrepiar. “A Polícia Rodoviária Federal já encontrou filhotes de papagaios transportados em canos de PVC. A maioria morreu sufocada. Eles dão aos papagaios alimentos misturados com **medicamentos**,

ou mesmo bebidas alcoólicas; coisas que os façam dormir, antes da viagem. Assim, eles ficam quietos”, conta Queiroz.

Entraves do comércio

Outro fator desafiante é a ligação entre o tráfico e uma parcela dos empreendimentos comerciais legais de fauna. “A nossa suspeita é que muitos papagaios traficados sejam ‘esquentados’ em alguns criadouros que agem de má fé”, conta Paula Mochel, chefe do setor de fauna do Ibama/MS. A Abrase confirma essa realidade. “Em quase vinte anos no setor, vimos mais de uma centena **de uso** de documentos falsificados, a maioria delatada por criadores sérios e por nós. Mas desconhecemos uma investigação que chegou aos culpados”, frisa o presidente Luiz Paulo Amaral. Como solução, a instituição recomenda testes de DNA obrigatórios entre os filhotes e seus supostos pais. A tecnologia já é utilizada por criadouros de canários, por exemplo. “É uma medida simples e, atualmente, barata, suficiente para separar joio do trigo e acabar

Aprensões revelam crueldades como aves escondidas e sufocadas, dentro de tubos de PVC



A Proteção Animal Mundial no documentário “Silvestre não é Pet” mostra que, mesmo se bem tratado, em cativeiro, o animal não cumpre seu papel natural

com os que agem de forma desvirtuada”, afirma o presidente da organização.

Gláucia recomenda também um levantamento da real demanda por esse animal no país. “A partir daí, poder-se-ia planejar o aumento dos plantéis dos criadouros e provocar uma queda no valor da venda legal”. Não há, contudo, uma fonte central para esses dados. Só agora, o Ibama está recadastrando os estabelecimentos registrados até 2008, quando foram interrompidas as concessões. A partir de 2011, os estados assumiram licenciar criadouros, mas sem obrigatoriedade de informar o órgão federal. Amaral concorda que os altos preços dos animais de criadouros se devem à baixa produtividade dos espaços legalizados. “Mais de 90% das espécies brasileiras criadas no exterior possuem preço bem mais barato do que aqui. Hoje, compram-se papagaios na Europa por 300 euros ou menos.

A reprodução em cativeiro, lá, acontece em larguíssima escala.”, exemplificou.

Aves para exportação

Dentre os países de ocorrência natural da espécie, a Argentina e o Paraguai tiveram a experiência em manejar e exportar legalmente papagaios verdadeiros selvagens. Hoje, apenas a Argentina autoriza a retirada de filhotes, em área em equilíbrio, com um número mínimo de indivíduos aptos a reproduzir. No período permitido, as comunidades tradicionais rurais são instruídas sobre como capturá-los e prepará-los para venda ao exterior. “É uma iniciativa interessante, pois retira o animal silvestre de maneira sustentável e as comunidades buscam proteger a espécie para garantir um ganho financeiro”, avalia Gláucia. “Mas é necessário que o órgão fiscalizador tenha total controle e análises efetivas para indicar a quantidade, onde e como retirar papagaios selvagens sem causar danos. A estabilidade das populações não é algo fixo; varia com condições de clima e com os anos”, alerta. Recentemente, a ação insistente de traficantes em algumas áreas argentinas reduziu o número de papagaios de vida livre no país. Com isso, a Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies de Fauna e Flora Silvestres Ameaçadas de Extinção (CITES) classificou a *Amazona aestiva* como comercialmente ameaçada; o que requer recuperar sua estabilidade nos ambientes de captura para exportação. Segundo a CITES, entre 1995 e 2012, a Argentina exportou legalmente 28 mil indivíduos da espécie.

“Ninguém vai deixar de ter um papagaio, mesmo que não possa pagar por ele”, afirma Gláucia. Quando um hábito, mesmo que ruim, é compartilhado por muitos, há, ali, um mal banalizado. A especialista, doutora em Ecologia e Conservação, esclarece que a espécie não está ameaçada de extinção na natureza, mas é preciso prevenir esse risco desde já.